

Today We Reboot the Planet, 2013
Serpentine Sackler Gallery, London
Cortesia do artista, Marian
Goodman Gallery, New York / Paris
/ London e Kurimanzutto, Ciudad
de México
Fotografia: Jörg Baumann



Pablo Santander*

Hostilidade na contra-transferência

Sabe-se que o eixo da situação analítica tem relação com a compreensão e com a simbolização das emoções geradas na díade. Como descreve Civitarese (2016), a *rêverie* é um caminho importante para alcançar a figurabilidade. É dessa forma que um elemento que pode chegar a ser transcendental na análise, seja justamente conseguir que emoções geradas na situação transferencial sejam simbolizadas e, dessa forma, se consiga a tão mencionada elaboração da situação psicanalítica atual. Esta seria uma ferramenta importante para a elaboração do ainda não simbolizado da história do paciente, o que o autor citado chama de “o inconsciente inacessível”

Neste breve artigo desejo mostrar como este objetivo pode ser dificultado numa situação clínica particular; o que ocorre quando a emoção que surge contra-transferencialmente é a hostilidade. Esta hostilidade - ou, francamente, raiva contra-transferencial - pode provocar um

mal-entendido na díade e produzir uma ruptura na situação de *rêverie*.

Para poder expor certos pontos de vista, gostaria de descrever primeiro uma situação que me competiu supervisionar recentemente.

Uma jovem psicanalista me solicitou uma supervisão, já que se encontrava intrincada com o tratamento de um paciente a quem descreveu como muito narcisista, e que duvidava se este tinha indicação para tratamento psicanalítico. O tratamento se encontrava em uma etapa inicial, e me chamou a atenção o aborrecimento que a analista manifestava em relação ao seu paciente, o que se manifestava em reiteradas desqualificações. Ela passou a relatar que, no início, o paciente confundiu o dia da primeira sessão, depois esqueceu o endereço, e com isso mostrou dificuldades já desde o começo. Posteriormente, uma vez iniciado o tratamento, o paciente falava sobre Melanie Klein e havia comprado um livro de Hanna Segal. Mencionava destacados psicanalistas locais. Chamou-me a atenção, que estas menções provocavam raiva na analista, que se sentia comparada e diminuída. Além disso, existiam dificuldades no enquadre, já que o paciente faltava a um elevado percentual de suas sessões. Tomada por esta contra-transferência, as interpretações eram sutilmente críticas. Me pareceu bastante claro que

* Asociación Psicoanalítica Chilena.

essas emoções contra-transferenciais eram o resultado de uma identificação projetiva que era difícil de pensar, em função de elementos próprios da analista, que tinham a ver com sua insegurança como profissional. Era difícil para ela ver no material, que o paciente se sentia muito exigido, que sentia que devia sujeitar-se intelectualmente e que temia que, caso se mostrasse com suas ansiedades, fosse desqualificado. O paciente se sentia muito assustado no encontro com uma mulher, o que era um importante elemento da situação pessoal que o havia levado a consultar-se.

Do meu ponto de vista, produzia-se um mal-entendido entre analista e paciente, já que o paciente, dada sua história pessoal, tinha um grande temor de expor-se à mulher, diante da qual se sentia muito diminuído e sem recursos. Esta situação o fazia sentir-se humilhado e reduzido. Estes eram os aspectos não simbolizados na história do paciente que, no encontro analítico, voltavam a surgir e ativavam intensas ansiedades. Para enfrentar isso, o paciente fazia grandes esforços para atuar adequadamente na situação transferencial. Porém, estes esforços estavam muito tingidos pela emoção de insuficiência, por não conseguir satisfazer as expectativas da mulher. A forma que o paciente empregava (faltar às sessões, falar de livros de famosos psicanalistas mundiais ou de destacados psicanalistas nacionais) provocava raiva na analista, que se sentia desqualificada e diminuída. A analista interpretava que essas formas eram elementos desqualificadores e agressivos do paciente que, ao ouvir essas interpretações, sentia que seus temores de não cumprir, de não satisfazer à mulher se tornavam realidade, o que gerava um *impasse*. Quando escutei o material apresentado, me veio à lembrança a brilhante descrição clínica de Hebert Rosenfeld (1987/1990, pp. 171-194) e o quão difícil é sair dessa situação clínica. Rosenfeld propõe que o analista deve conseguir reconhecer os elementos nos quais esteve implicado. Neste caso seria poder entrar em contato com as próprias inseguranças e de como foi gerada a dinâmica com o paciente, para conhecer de que forma a analista contribuiu para o *impasse*. Se conseguir entrar em contato com isso, a analista também poderia contatar-se com as sensações profundas de desamparo do paciente, com as

importantes angústias transferenciais e com a sensação de que este tipo de emoções não tem lugar, e portanto, não foram pensadas.

Ao ouvir a história, ao contrário do que aconteceu com a analista, me invadiu um profundo sentimento de pena do paciente, por perceber uma história de vida que se repetia mais uma vez. Ao comunicar-lhe minha visão do paciente, a analista pôde ver esses aspectos e estar de acordo com a visão que exponho neste artigo. É claro que conseguir compreender esses aspectos não soluciona imediatamente o conflito da diáde. No entanto, é um começo.

A dinâmica recém descrita nos faz pensar que a emoção de hostilidade, afetivamente marcada, é um importante indicador de que existe algo na situação da diáde que deve ser compreendido, já que são elementos que não adquiriram figurabilidade. Não é que não existisse uma agressão do paciente em relação ao tratamento ao faltar às suas sessões, mas essa era a única solução que o paciente encontrava para enfrentar sua análise, e o esforço que fazia para manter-se nela era um aspecto que também requeria uma valorização.

A situação clínica, neste caso, era um aspecto que para o paciente era central dentro de sua análise, influenciando a dinâmica transferencial-contra-transferência. Penso que, a partir deste ponto de vista, a contra-transferência seja de uma importância fundamental para o nosso trabalho. Neste sentido, é o trabalho de *rêverie* que permite que se consigam elaborar elementos emocionais que, se não se elaboram, intoxicam o aparelho mental. Em consequência, verifica-se que a análise pessoal é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de nossa habilidade analítica. A supervisão permite uma terceira posição e, desta forma, a hostilidade contra-transferencial é uma possibilidade de figurabilidade de aspectos inconscientes que, de outro modo, são inacessíveis.

Referências

- Civitarese, G. (2016). The inaccessible unconscious and reverie as a path of figurability. In G. Civitarese, *Truth and the unconscious in psychoanalysis*. Roma: Routledge.
- Rosenfeld, H. A. (1990). El problema del *impasse* en el tratamiento psicoanalítico. In A. H. Rosenfeld, *Impasse e interpretación: factores terapéuticos y antiterapéuticos en el tratamiento psicoanalítico de pacientes neuróticos, borderline y psicóticos*. Madrid: Tecnipublicaciones. (Trabalho original publicado em 1987)